



FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS DE MANHUAÇU

**O ESPAÇO LITÚRGICO COMO DIRECIONADOR DA ARQUITETURA RELIGIOSA
CATÓLICA NO SÉCULO XX: FUNCIONALIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL**

Emmanuel Diniz Silva

Manhuaçu-MG

2018



EMANUEL DINIZ SILVA

**O ESPAÇO LITÚRGICO COMO DIRECIONADOR DA ARQUITETURA RELIGIOSA
CATÓLICA NO SÉCULO XX: FUNCIONALIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Curso Superior de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Ciências Gerenciais de
Manhuaçu, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Arquitetura Institucional
Orientador: Wagner de Azevêdo Dornellas

Manhuaçu-MG

2018



EMANUEL DINIZ SILVA

**O ESPAÇO LITÚRGICO COMO DIRECIONADOR DA ARQUITETURA RELIGIOSA
CATÓLICA NO SÉCULO XX: FUNCIONALIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Curso Superior de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Ciências Gerenciais de
Manhuaçu, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Arquitetura Institucional
Orientador: Wagner de Azevêdo Dornellas

Manhuaçu-MG

2018

RESUMO

O espaço litúrgico expressa a religiosidade no cenário da arquitetura sacra católica com seus simbolismos e significados e foi influenciado desde os primeiros cristãos até a reforma espacial litúrgica por diversos contextos históricos. Os primeiros cristãos se reuniam em suas residências e consideravam-se eles o próprio templo de Deus, sem preocupações com local designado e apropriado para o rito cristão que aos poucos foi-se estabelecendo com a ideia de templo e assembleia que posteriormente, com a absorção de culturas introduzidas na Igreja Católica, deixou o espaço litúrgico descentralizado, confuso e distante do seu motivo primeiro de existência: a relação íntima de Cristo com os fiéis. Na segunda metade do séc. XX foi solicitado pelo Papa João XXIII, em 25 de dezembro de 1961, a abertura do Concílio Vaticano II, uma conferência ecumênica de todos os líderes da Igreja Católica que, entre outros temas, tratou da reforma litúrgica, ponto que teve impacto positivo na relação dos fiéis com o espaço celebrativo católico. Este trabalho utilizou-se de pesquisa qualitativa mediante levantamento bibliográfico, análise de projetos análogos em estudos de caso, destacando a funcionalidade do espaço litúrgico com enfoque analítico anterior e posterior ao Concílio Vaticano II, a fim de recolher resultados e verificar os impactos derivados das orientações da reforma litúrgica. Percebeu-se o que o improviso e inadequação das adaptações do espaço litúrgico pós CV-II impacta na relação dos fiéis perante os ritos litúrgicos da Igreja Católica, prejudicando a comunhão entre os crentes. Constatou-se a relevância dos elementos e da funcionalidade e disposição mais adequadas do espaço celebrativo em favor da liturgia que assim resulta em benefícios para a participação ativa dos fiéis nas celebrações.

Palavras-chave: Arquitetura Sacra; Concílio Vaticano II; Espaço litúrgico; Igreja Católica; Reforma litúrgica.

1. INTRODUÇÃO

Dentro do cenário da arquitetura religiosa católica, o espaço litúrgico expressa a religiosidade e se destina a reuniões cristãs que proporcionem a expressão de fé, devoção, que acolha o povo e reflita a beleza de Deus (MENEZES, 2006). Diante da importância do espaço celebrativo com seus simbolismos e significados, o ambiente litúrgico foi influenciado pela reforma litúrgica que foi uma das principais mudanças que o Concílio Vaticano II (CV II) realizou. O CV II foi uma conferência solicitada pelo Papa João XXIII em 25 de dezembro de 1961 que ruptura protótipos religiosos estabelecidos há séculos, evoluindo a forma de ministrar o culto religioso e a organização espacial litúrgica.

O Concílio Vaticano II orientou a atuação ativa dos fiéis e rompendo com uma época onde a celebração era realizada em latim e também caracterizada por um maior de distanciamento entre a assembleia dos fiéis e o presbitério¹, antes permitido apenas aos presbíteros² (CNBB, 2013). Tal concílio propõe a necessidade das ações litúrgicas, juntamente com sua disposição espacial e funcional, atenderem ativamente à assembleia, suprindo a dificuldade de participação, possibilitando visibilidade e audição, evitando obstáculos (MENEZES, 2006).

A importância de pesquisar a funcionalidade do espaço litúrgico está no fato de ser um tema muito pouco estudado, ainda que a demanda de construções e reformas de igrejas seja grande. Observa-se também que grande parte das igrejas atuais é fruto de adaptações das edificações anteriores ao CV II, muitas vezes feita sem orientação técnica especializada, portanto, com outra disposição espacial. As adaptações realizadas de modo improvisado acabaram se tornando modelos para reproduções sem critérios de novas construções. Outra observação acerca das produções arquitetônicas católicas contemporâneas, em sua maioria, além da incompatibilidade de estilos com o tempo presente e da baixa funcionalidade na disposição do espaço, carregam precária qualidade iconográfica e simbólica, essenciais para a fé e para um ambiente de encontro e transcendência.

Diante do exposto, o presente estudo visa levantar a caracterização arquitetônica do Espaço Litúrgico da Igreja Católica do século XX, seu processo histórico e as transformações na ação litúrgica ocorridas pelo CV II que nortearam as alterações no espaço litúrgico. Diante dessas informações, pretende-se realizar estudos de casos em obras análogas adaptadas e construídas já sob as novas premissas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Arquitetura Religiosa e o Espaço Litúrgico

2.1.1. História geral da liturgia e do espaço de celebração

De acordo com relatos no novo testamento, os primeiros cristãos acompanhavam cultos não cristãos em templos e congregavam em suas casas com glorificações próprias, a igreja cristã nessa época era apenas “hóspede” nas casas dos primeiros cristãos. Nos anos 200 d. C. apareceram as primeiras informações de reuniões em casa própria, um exemplo de residência transformada em igreja foram as escavações de *Dura Europos* (colônia romana e estação militar no Eufrates superior). Diferentemente dos templos das outras religiões, no cristianismo o espaço celebrativo é necessário para a igreja enquanto edifício (LUTZ, 2018). Eles se

¹ Espaço onde o padre fica e celebra a missa; onde se localiza o altar ou mesa da Eucaristia

² Celebrante; padre

reuniam em suas residências que na maioria das eram espaçosas, o suficiente para abrigar as reuniões, costumavam se congregar em locais mais amplos e silenciosos como “sala de jantar” e a sala que antecedia o telhado, hoje chamado sótão (SACRAMENTO, 2007).

Os primeiros cristãos se congregavam em casas de família (ATOS 2.42-47; 20.7-12) não apresentavam preocupação em possuir um espaço apropriado e exclusivo para o culto, pois acreditavam que eles próprios eram o templo espiritual de Deus, essa consciência é presente no vocabulário *eclesia* que foi aplicado na formação da primeira assembleia e futuramente o local de reunião. A evidência de que nos séculos primordiais a casa seja o local de congregação se confirma no novo testamento através da menção das igrejas titulares de Roma (FRADE, 2007).

Os maiores problemas surgiram quando o cristianismo avançou no território grego, pois os cristãos queriam assumir o mínimo possível de paganismo, mas com conversões em massa a antiga cultura grega começou a ser inserida na igreja. Constantino que era o imperador, promoveu o cristianismo. Igrejas com estilo profano são construídas procurando realizar uma fusão da cultura antiga dos deuses gregos no cristianismo para atrair fieis para a conversão, a música também atribuiu questão semelhante. Na arte, as pinturas realizadas nas catacumbas tinham muita simbologia pagã: Orfeu, estações do ano, peixes e pombas, mas os cristãos sabiam o que isso simbolizava para eles dentro da fé cristã. Hábitos que os romanos possuíam de beijar a soleira do templo também foram fundidos na cultura cristã de beijar o altar no início e no final da missa. Luz, incenso e velas são reflexos também dos cônsules romanos que recebiam honras com cortejos, velas e tochas; a abside³ com direção oriental também é fruto da cultura sagrada grega, assim como também o dia da memória dos falecidos. A veneração de mártires proporcionou um grande enriquecimento da liturgia, as igrejas que possuíam um túmulo de mártir consistiam principalmente na celebração da missa que eram feitas leituras da bíblia e da paixão do mártir com oração e canto. No século IV em diante ocorreu uma diversificação clara da liturgia (LUTZ, 2018).

Todas as liturgias do ocidente com exceção de Milão foram absolvidas pela liturgia romana, portanto a liturgia romana não se preservava em sua forma pura, pois se misturou com vários elementos. Como a assembleia já não compreendia mais a língua latina, as celebrações eram mais “vivas” com dramatizações de luz e incenso para compensar a incompreensão do latim. O canon⁴ da missa rezava em voz baixa e com isso a liturgia se tornou romano-franca. No norte dos alpes a hierarquia da igreja fica de forma mais nítida e não é vista mais como comunidade dos fiéis e o Cristo que era representado de forma pascal e no céu passa a ser representado em sua forma terrestre como viveu na Palestina e na memória dos fiéis, ficando no centro de contemplação, deixando também a sua marca a na Igreja. (idem).

A partir dos séculos XII e XIII se deu muita importância para a reserva eucarística, era guardada para a comunhão dos doentes na sacristia em um nicho embutido na parede com um fechamento através de uma pequena portinha. Posteriormente no século XVI o sacrário antes embutido na parede passa a ser posicionado sobre um altar e logo em seguida para o altar principal (MACHADO, 2007).

³ Espaço semicircular nos templos católicos antigos que se localiza atrás do assento do padre com um altar maior

⁴ Regra religiosa

Em Roma ocorreu uma nova ordem que tornou decisivo especialmente o missal da curia⁵ romana, onde se encontrava-se todos os textos da missa, proporcionando ao sacerdote celebrar a missa sozinho independentemente do coro dos cantores, desaparecendo cada vez mais o aspecto comunitário da liturgia. Um pouco mais tarde ainda na idade média celebravam-se nas igrejas dos colegiados, mosteiros e nas catedrais diariamente com liturgias solenes. O sacerdote apenas celebrava a liturgia, com a crescente contribuição dos fiéis foi possível zelar por mosteiros, construir igrejas e as equipar, além de realizarem muitas festas em prol da Igreja. Portanto, percebe-se que a liturgia que predominou expressivamente sobre o povo não tem como centralidade o próprio ministério de Cristo ao encontro dos fiéis. Esses pontos negativos na liturgia no final da idade média deixaram marcas para ataques de vários reformadores. No final da idade média foi extremamente necessária uma reforma para retornar e focar no que é essencial na liturgia, o concílio reformador de Trento considerou grave os abusos e defendeu a fé verdadeira, mas para a reforma litúrgica faltavam propósitos, a informação da origem de cada elemento simbólico da liturgia e suas formas. (LUTZ, 2018).

No século VII em diante ocorreram alterações na maneira em que o culto e devoção eram direcionados aos fiéis, aumentaram de forma significativa as orações reservadas, redução da comunhão sacramental e aumento de ações de devoção à Maria, aos santos e posteriormente à Santíssima Trindade. Multiplicaram-se os altares juntamente com as missas privadas, Cristo era representado por um único altar e a partir de agora são colocados nas naves laterais diversos altares. A missa passa a ser celebrada em latim onde a assembleia deixa de participar ativamente dos ritos litúrgicos, o altar foi substituído por uma estrutura alta parecida com uma estante aos fundos e para alcançá-lo era preciso de intervenção de uma escada. O sacerdote passa a celebrar de costas para os fiéis, direcionando-se para o altar que foi retirado do centro do presbitério e alocado aos fundos da abside. Paredes altas foram construídas entre o presbitério e a nave para abrigar os monges do frio por motivo de passarem longas horas rezando no interior das igrejas, com isso a assembleia ficou impossibilitada de visualizar o altar-mor (MACHADO, 2007).

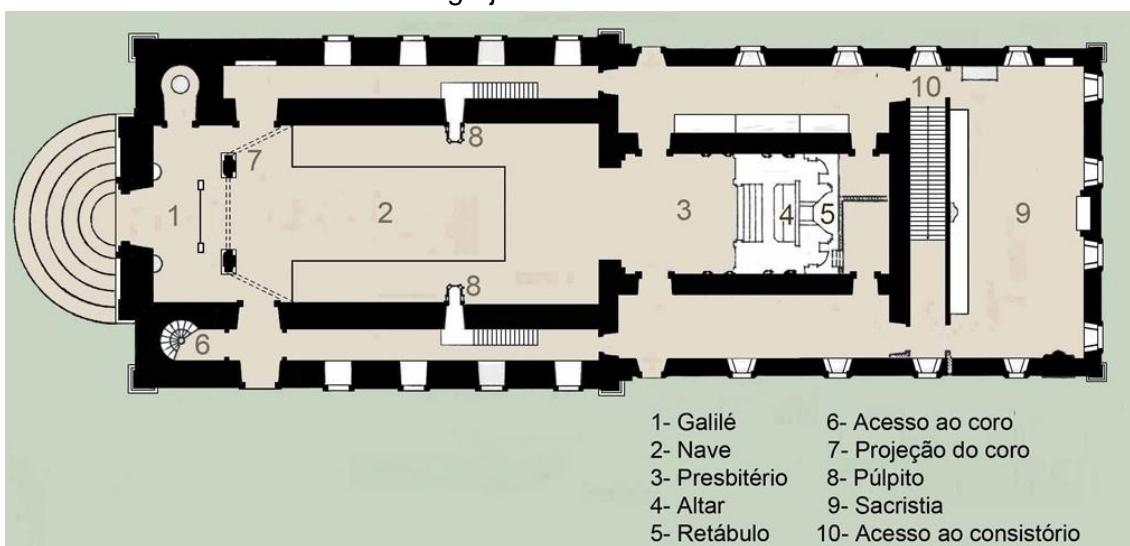
As missas continuaram a serem celebradas em latim, bloqueando e impossibilitando qualquer tipo de participação da assembleia na celebração. Na mesma época o coro dos cantores se muda para o mezanino aos fundos da igreja, que antes se localizava próximo ao altar onde o próprio clero formava o coro e cantava o coral. O canto popular também sofreu alterações motivadas pela reforma protestante, o canto litúrgico é cantado em voz baixa até em missa solene, substituindo muitas vezes o canto gregoriano. A ostentação de ornamentos e riquezas é considerada uma evolução na procissão de Corpus Christi, que teve origem no século XIII. São realizadas caminhadas ao redor da cidade e no campo, invocando bênçãos por onde passa. A procissão assume a forma antiga e serve como uma apresentação estratégicamente atrativa da igreja, sendo visível a todas as pessoas. Permanece então o que é principal na visão dogmática ao lado de formas condicionadas pela época. A celebração da missa se encontra pouco interessante se tonando apenas um quadro para o Santíssimo. A espiritualidade cristã se tornou distante da sua essência, que deveria ser resgatada pelo movimento litúrgico (LUTZ, 2018).

2.1.2. O Concílio Vaticano II e as mudanças Litúrgicas e no Espaço: novas diretrizes espaciais

⁵ Sede administrativa da Igreja

O Concílio Vaticano II foi uma conferência que direcionou e solucionou a dificuldade da igreja que era o distanciamento entre a assembleia e o presbitério, local onde o padre preside e celebra a missa. Solicitado pelo papa João XXIII em 25 de dezembro de 1961, o Concílio surge para quebrar paradigmas de um modelo seguido por séculos pela igreja católica. A missa era realizada em latim com o padre de costas aos fiéis que participavam de forma passiva na celebração, assistiam a missa sem ao menos entender o que estava sendo mencionado. O distanciamento era evidente e dificultava a participação efetiva e o entendimento da assembleia. A celebração era exercida restritamente pelo celebrante e clérigos, esse tipo de celebração era denominada missa Tridentina ou missa de São Pio V. Conforme a figura 1 no presbitério se localizava o “altar maior” onde se guardava também a Eucaristia e para receber a comunhão deveria se ajoelhar-se na balaustrada que era o local menos distante do presbitério (a balaustrada servia como restrição ao presbitério) onde se recebia a consagração diretamente na língua (AQUINO, 2014).

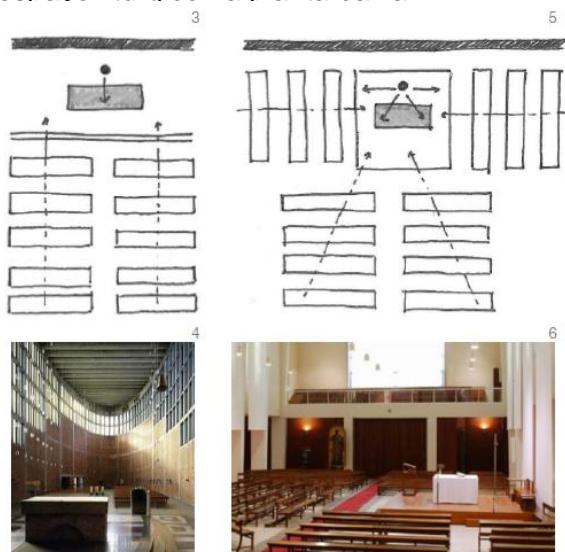
FIGURA 1 - Planta baixa da igreja antes da reforma do Concílio Vaticano II



Fonte: Coisas da Arquitetura. 2012

A necessidade de aproximação dos fiéis deu consolidação ao Movimento Litúrgico, a reforma proposta se ocorreu no papado de Pio XII (1939 – 1958). O Concílio Ecumênico da Igreja Católica (Concílio Vaticano II) foi proposto pelo papa João XXIII em 1961, aberto em 1962 e finalizado em 1965 pelo papa Paulo VI. A liturgia foi o ponto primordial considerado para as outras mudanças, o objetivo era aproximar os fiéis da celebração litúrgica, motivando-os a ter uma real participação ativa com os sacramentos essenciais para a fé cristã. Com as doutrinas definidas, surgiu a necessidade de ter uma nova arquitetura religiosa em função do espaço litúrgico, não só os paradigmas seguidos há séculos deveriam ser repensados, mas também o espaço seguindo programa litúrgico. Inicialmente, foram reduzidos os obstáculos e a distância entre o presbitério e a assembleia, mantendo o aspecto axial-processional e posteriormente o presbitério centralizado e a assembleia posicionada em um ângulo de 180º no torno do presbitério, como apontado na figura 2 a seguir (CAPTIVO, 2016).

FIGURA 2 – A evolução da disposição do espaço litúrgico na planta baixa



Fonte: Captivo (2016, p. 16).

A localização da mesa da palavra ou ambão deve transparecer a relevância e a manifestação da palavra de Deus tento como reflexo a atenção espontânea dos fiéis (MACHADO, 2008). Com fundamento na instrução na constituição *Sacrosanctum Concilium* (1963), apresentadas ao papa Paulo VI pelo cardeal Giacomo Lercaro e preparadas pelo concílio que buscam abordar de forma prática as instruções da igreja resultantes do Concílio Vaticano II e que são presentes até nos dias de hoje na projeção do espaço litúrgico (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963).

A cadeira para o celebrante e para os ministros devem ser visíveis para toda assembleia, o sacrário deve ser colocado preferencialmente em local especial e reservado ou em um altar-mor lateral no caso de não possuir espaço reservado devidamente ordenado. O ambão deve ser colocado de forma visível, possibilitando que a assembleia escute e veja. O lugar dos fiéis com maior participação na celebração, possibilitando ver e ouvir claramente o celebrante, não existindo mais lugares restritos e reservados. Os altares laterais devem ser altares menores e sempre que possível em capelas separadas da igreja e do espaço celebrativo. O altar deve ser separado da parede para que seja possível celebrar de frente para os fiéis e que seja centralizado com espaço mínimo de circulação suficiente para a realização dos rituais. As imagens sacras devem em quantidade moderada, o local do coro deve ser localizado favoravelmente para realização da liturgia e deve ficar nítido que fazem parte da assembleia. O batistério deve ficar em local adequado para as celebrações de batismo e deve representar a dignidade do sacramento. A cadeira para o celebrante e os ministros deve ficar atrás do altar e serem visíveis para toda assembleia e deve ficar claro que o celebrante preside toda a comunidade e ser evitado que a cadeira presidencial seja de qualquer forma parecida com um trono (CAPTIVO, 2016).

A igreja se apresenta a partir de então como uma resposta pós-conciliar. O templo Católico deixa de seguir o modelo de monumento e passa a se basear na simplicidade, flexibilidade e hospitalidade. O Templo Católico agora é comparado como uma casa acolhedora e litúrgica e não estimulando distanciamento como um museu. A simplicidade do espaço é necessária para que nada distraia a atenção da assembleia do altar que é o elemento principal da celebração, esse propósito se

manifesta no projeto arquitetônico que deve ser coeso na decoração, dimensão da igreja e disposição dos elementos. O Concílio Vaticano II busca simplicidade e autenticidade, espaços centralizados no altar que motive a celebração eucarística com entusiasmo e no movimento moderno encontram alta correspondência para as novas orientações do espaço litúrgico – funcionalidade, racionalidade, clareza autenticidade e depuração. (CAPTIVO, 2016).

Segundo o documento do *Sacrosanctum Concilium* n.123:

A igreja nunca considerou seu nenhum estilo de arte, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando assim, no decorrer dos séculos, um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Também em nossos dias e em todos os povos e regiões a arte goze de livre exercício na igreja, contando que sirva com devida referência e a devida honra as exigências dos ritos e edifícios sagrados.

Os estilos das igrejas simplesmente imitavam a arquitetura das casas da época. As igrejas góticas eram como as casas góticas, as igrejas barrocas eram como as casas barrocas. Todos os estilos arquitetônicos de igreja seguiam os estilos das casas, refletindo o que a comunidade sente e a cultura do povo que a constrói, portanto não existe estilo arquitetônico para igreja. Conforme pode-se observar nas figuras 3 a 7 deve-se procurar sentir a cultura e a arquitetura do povo e da região proporcionando novas formas que atendam aos requisitos e a arquitetura, favorecendo que os próprios fiéis se identifiquem na arquitetura e que ela seja convidativa, que leve os fiéis a participarem dos ritos sagrados abrangendo toda a comunidade. Portanto é importante que seja artisticamente planejado (MENEZES, 2006).

FIGURA 3 - Igreja São Francisco de Assis na Pampulha



Fonte: Archdaily. 2018

FIGURA 4 - Catedral metropolitana de Brasília



Fonte: Brazilia. 2018

FIGURA 5 – Igreja de São João Bosco em Brasília



Fonte: Arquidiocese de Brasilia. 2015

FIGURA 6 – Igreja de São João Bosco



Fonte: Arquidiocese de Brasilia. 2015

FIGURA 7 – Capela de Ronchamp / Le Corbusier



Fonte: Archdaily. 2018

2.2. Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, realizada mediante levantamento bibliográfico em artigos científicos, teses, livros bem como documental, análise de projetos enfatizando a funcionalidade do espaço litúrgico de acordo com as normativas do Concílio Vaticano II em forma de estudos de casos acerca do espaço litúrgico na arquitetura religiosa Católica no período do século XX.

A partir dessas informações descritivas, a pesquisa exploratória foi usada a fim de pesquisar as características, problemáticas e fatores importantes relacionando os espaços descritos e seus usos na arquitetura sacra.

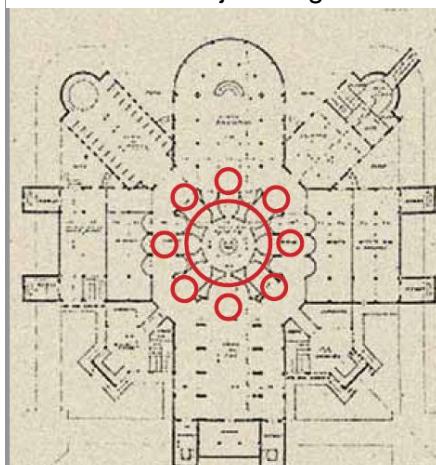
2.3. Resultados e discussões

Com as mudanças orientadas pelo Concílio Vaticano II a serem realizadas a favor do espaço litúrgico para proporcionar participação ativa dos fiéis, os templos católicos de todo o mundo começaram a seguir as orientações gradativamente. Foi considerado para análise projeto de templo católico anterior a reforma espacial litúrgica e nova Igreja projetada seguindo novo modelo de funcionalidade. Em análise do projeto da Basílica de Aparecida com base no referencial teórico foi possível verificar tecnicamente a adaptação do projeto arquitetônico original realizado antes do Concílio, as adaptações pós Concílio Vaticano II e os benefícios que o espaço litúrgico em favor da participação ativa dos fiéis trouxe de eficaz aos ritos litúrgicos e para verificação de modelo de projeto e construção de templo religioso pós Concílio Vaticano II foi verificado a Igreja Saint François de Molitor, onde foi possível identificar o uso e a disposição funcional e arquitetônica do local celebrativo: ambiente destinado a assembleia, presbitério e capela do Santíssimo a favor da participação ativa dos fiéis.

2.3.1. A basílica de Nossa Senhora Aparecida: um estudo de caso

O Santuário Nacional da Conceição Aparecida, mais conhecido como “Basílica de Aparecida” se localiza na cidade de Aparecida do Norte no interior do estado de São Paulo, a cidade é considerada a capital da fé católica no país. Com a necessidade de expandir o local para receber ainda mais fiéis, se tornou necessário a construção de um novo templo, monumental, em louvor à Nossa Senhora Aparecida, dando suporte às romarias e apoando a difusão da crença e devoção do século XX. O projeto arquitetônico teve autoria do arquiteto Benedito Calixto, cuja concepção original baseava-se no estilo neorromânico com influência da arquitetura bizantina e românica. O formato era composto de duas cruzes gregas em sobreposição (veja figura 8). A pontifícia Comissão de Arte Sacra aprovou em 1949 o projeto composto por quatro naves. O arquiteto visitou o santuário da Imaculada Conceição em Washington para se inspirar, que ficou claro posteriormente refletindo a similaridade do seu formato na basílica de Aparecida. A planta baixa inicial publicada da construção da nova basílica teria uma plataforma central com a imagem de Nossa Senhora Aparecida exposta e em torno teriam mais 8 pequenos altares para celebração de 9 missas ao mesmo tempo (TODA, 2013).

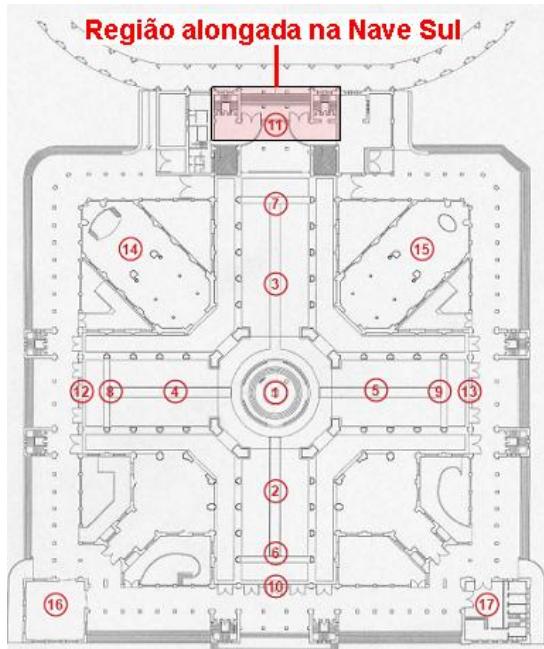
FIGURA 8 – Projeto original da Basílica



Fonte: Toda (2013, p. 39)

O arquiteto Benedito Calixto viajou até Roma para apresentação do projeto da Basílica às autoridades em arquitetura sacra que recomendaram algumas modificações. Com a morte do arquiteto Benedito Calixto em 1972, o projeto foi reformulado pelo arquiteto Luiz Alves Coelho de acordo com as recomendações feitas pela comissão de arte sacra de Roma. Em comparação com a planta baixa antiga, a nave sul foi alongada por mais 16 metros que as demais, mas se preservou a fachada para que ficasse igual às outras (idem p.10).

FIGURA 9 – Projeto da Basílica modificado pós – Concílio Vaticano II



Legenda:

- 1 Altar central.
- 2 Nave Norte e os painéis da vida pública e Jesus.
- 3 Nave Sul, o nicho de Nossa Senhora.
- 4 Nave leste e os painéis da ressurreição.
- 5 Nave oeste e os painéis da paixão de Jesus.
- 6 Painel do Cristo Pantocrator.
- 7 Trono de Nossa Senhora.
- 8 Painel do cordeiro.
- 9 Painel da virgem Imaculada.
- 10 Acesso norte.
- 11 Acesso sul.
- 12 Acesso leste.
- 13 Acesso oeste.
- 14 Capela São José.
- 15 Capela do santíssimo.
- 16 Capela de velas.
- 17 Torre Brasília .

Fonte: Toda (2013, p. 48). Modificado pelo autor.

Além das naves norte, sul, leste e oeste e da cúpula central, o espaço interno é composto por 5 capelas. A etapa da construção estrutural da basílica durou 42 anos (1955 a 1997) tarefa não menos importante que o acabamento e decoração da basílica. O templo possui 182.000m² de piso para decorar, cúpula de 70 metros e 4 naves com 40 metros de altura, além de enormes vitrais das naves e das capelas. Era um grande desafio, pois a obra deveria transmitir por si mesma uma evangelização muito forte.

Nota-se então que a preocupação em revisar o interior da Basílica de Aparecida foi derivada principalmente da necessidade dos fiéis se sentirem acolhidos e próximos ao presbitério ao qual a percepção artística de Claudio Pastro foi confiada, segundo Ivo Porto de Menezes, o presbitério deve ser organizado a favor dos atos que acontecerão no local como a cerimônia Eucarística e liturgia da palavra, prevendo que a disposição seja a favor da liturgia e que tenha um desenvolvimento tranquilo e normal. A nave cumpre o papel e funcionalidade de acolher os fiéis, proporcionando-lhes conforto através da disposição da assembleia, evitando divisões e segmentações do espaço e principalmente favorecer uma participação total. O formato da planta baixa é deixado por livre expressão arquitetônica desde que cumpra a unificação da celebração (MENEZES, 2006).

Observa-se que as adaptações seguiram as orientações do Concílio Vaticano II. O projeto da basílica se transformou principalmente em sua disposição e funcionalidade a favor da liturgia. A proposta anterior sugeriu 9 presbitérios para

realização de nove missas ao mesmo tempo resultando em várias assembleias segregadas em um “mesmo espaço”, tornando o ambiente religioso confuso e caótico onde em cada presbitério estariam ocorrendo celebrações distintas, fugindo assim totalmente da ideia de unificação da celebração.

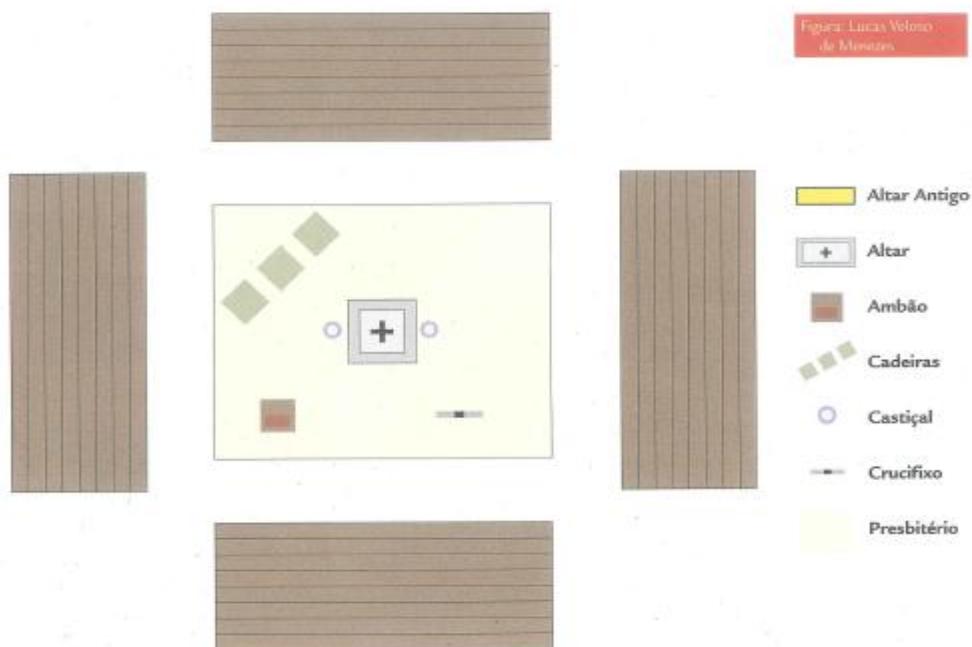
Em grandes igrejas que possuem um número elevado de fiéis recomenda-se segundo MILANI que o presbitério fique em nível mais elevado para possibilitar boa visibilidade aos fiéis e se destacar. No entanto, a nave é o local onde se reúnem os fiéis, espaço pertencente à assembleia e “como todos devem sentir-se em comunhão, neste sentido evita-se fracionamentos no espaço, grupos isolados e lugares privilegiados” (MILANI, 2006, p.42). Seguindo esse senso de congregação dos fiéis, para Milani “O ideal para a liturgia renovada após o Concílio não são igrejas compridas, mas uma disposição que favoreça a aproximação entre a assembleia e o presbitério” (MILANI, 2006).

A característica e qualidade do espaço da assembleia pode refletir significativamente no modo de como os fiéis se direcionam e relacionam com Deus. É primordial que o local envolva a comunidade, seja cordial, agradável, hospitalero e receptível aos fiéis, favorecendo à visibilidade da ação litúrgica e à comunhão e, de forma alguma, desmembrar, dividir ou separar a assembleia dos ritos litúrgicos. A dimensão do templo deve ser proporcional ao tamanho da assembleia, pois se for muito reduzido transmite impressão de aperto espacial e se for desproporcionalmente grande dificilmente transmitirá o espírito de comunidade (CNBB, 2013).

A assembleia é um dos elementos fundamentais de um espaço litúrgico, a nova orientação do Concílio Vaticano II não se remete a uma simples congregação de pessoas, mas sim à comunhão de cristãos e cristãs. Ela é o próprio corpo de Cristo que está prontamente disposto a ouvir atenciosamente a palavra de Deus e celebrar a Eucaristia dignamente. Na assembleia, também o mobiliário deve favorecer essa comunhão, onde cadeiras ou bancos, móveis ou fixos, são utilizados preferencialmente com genuflexório feitos de materiais dignos e de qualidade, sendo respeitáveis ao espaço celebrativo que deve acomodar os fiéis, permitir e facilitar o deslocamento considerando o acesso aos corredores de circulação (SILVA, 2007).

No entanto, a maior necessidade da assembleia-celebrante é honrar e adorar a Deus através da participação no sacrifício da Eucaristia e ouvir a palavra de Deus. Recomenda-se que o presbitério se localize em posição mais central possível, de modo que a assembleia fique em torno do presbitério para que a celebração proporcione verdadeiramente a proximidade e a participação dos fiéis para que todos tornem-se um só em Cristo. A ideal organização da Igreja é aquela que se reúne em volta do Senhor que é representado pelo altar no presbitério na figura 10. Considerando essas atribuições, permite-se que o arquiteto conceba variedades de espaços, desde que mantenha a primazia do presbitério de integrá-lo à assembleia (MENEZES, 2006).

FIGURA 10 – Presbitério centralizado na assembleia



Fonte: Menezes (2006, p. 151).

Orienta-se que o espaço da assembleia seja projetado de forma que as pessoas não vejam somente os ministros, mas que também possam se ver, sendo símbolo da união em Cristo, atendendo vivamente a participação ativa dos fiéis e a fraternidade como irmãos de fé, tornando a celebração participativa não só com o celebrante, mas como um todo (LIMA, 2010).

Observa-se ainda que a mudança realizada trouxe melhorias a favor da liturgia, visto que antes existiam naves separadas segregadas onde ocorriam missas simultâneas o que acarretava confusão sonora e visual, distração, pois não haveria centralidade, além de não conseguirem acompanhar os ritos litúrgicos por motivo de tantas outras missas estarem acontecendo ao mesmo tempo em um único lugar. Com as adaptações realizadas no projeto permitiu-se entrosamento entre os fiéis, uma verdadeira comunhão unida e ligada à um único rito celebrativo. Conforme a figura 11, observa-se que a adaptação do projeto proporcionou proximidade e participação dos fiéis nos atos celebrados no presbitério como uma única e unida assembleia, atendendo às necessidades litúrgicas e fazendo com que a assembleia envolva o presbitério, propiciou que os fiéis possam visualizar os ritos litúrgicos tornando a celebração participativa, aproximando celebrantes e assembleia, simbolizando de união em Cristo, fraternidade no espaço celebrativo em favor da liturgia.

FIGURA 11 – Missa na Basílica de Aparecida

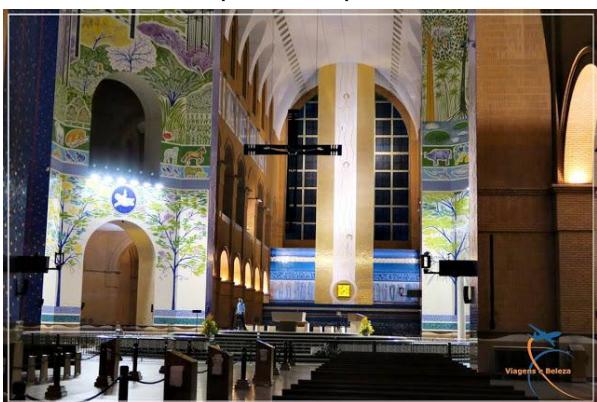


Fonte: Globo.com. 2018.

A imagem sacra do santo padroeiro do templo terá o seu local de notoriedade perante aos fiéis como intermediário diante de Deus, mas devem ser expostos em número moderado e que não ocupe o lugar prioritariamente hierárquico do Cristo Eucarístico, não causando devoção menos apropriada (MENEZES, 2006). O Missal Romano nº 308 recomenda que se tenha uma cruz com a imagem de Cristo Crucificado nas proximidades do altar ou sobre ele e que seja amplamente visível para a assembleia.

Examina-se, no entanto, que a imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira e intercessora da basílica ocupa a posição de centralidade no meio dos 9 presbitérios no projeto original, o que a remetia equivocadamente à um olhar observador como atenção primordial e de mais relevância e importância, deixando em segundo plano o altar que representa o próprio Cristo que deve se atribuir de todo protagonismo durante toda a celebração. Com a criação da capela na nave sul para a imagem sacra de Nossa Senhora Aparecida conforme a figura 12 e 13 abaixo, seguiu-se a orientação do Concílio, respeitou-se a hierarquia das santidades.

FIGURA 12 – Capela de Aparecida aos fundos



Fonte: Viagens e Beleza. 2017

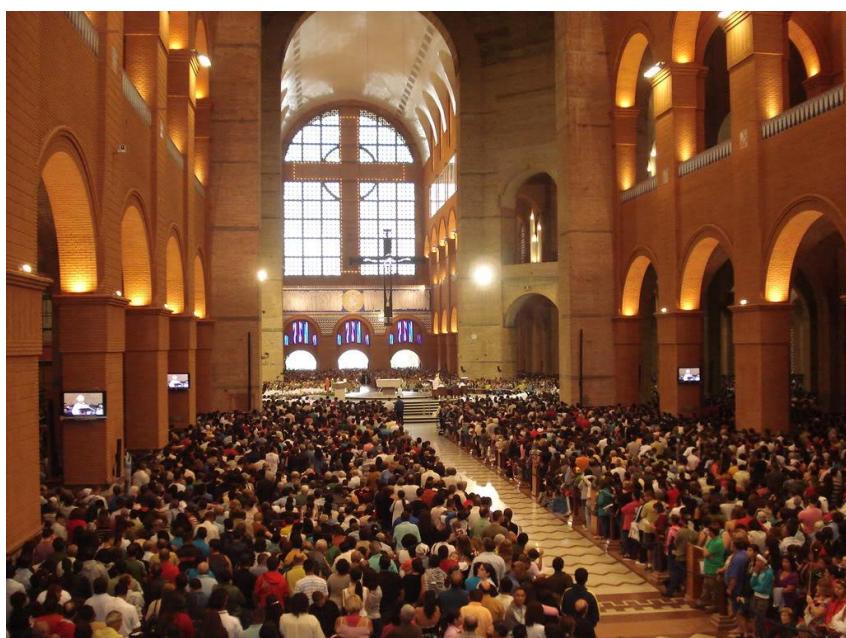
FIGURA 13 – Imagem Sacra Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Crônicas Macaenses. 2013

A padroeira foi posicionada devidamente como intercessora em segundo plano e o altar toma o lugar de centralidade juntamente com o Cristo crucificado remetendo à Eucaristia e ao sacrifício. Nota-se também que não existe quantidade descontrolada de imagens sacras, não descentralizando a atenção do que é mais importante no rito religioso: Cristo. A decoração interna, conforme a figura 14 abaixo, foi atribuída à Cláudio Pastro que proporcionou acolhimento através de linguagem simples e convidativa remetendo a relação de Cristo com a Igreja. Esses conceitos então mudaram a arquitetura da basílica, pois ela havia sido projetada para uma liturgia anterior ao Concílio Vaticano II, quando a liturgia não pensava em concelebração que é a ideia que toda assembleia celebra. A nobre missão de executar a mudança de postura eclesial da basílica foi confiada ao maior artista sacro brasileiro Claudio Pastro (TODA, 2013).

FIGURA 14 – Interior da Basílica de Aparecida



Fonte: 96 FM Bauru. 2015

2.3.2. Igreja de Saint François de Molitor

Projetada pelos arquitetos franceses Corinne Callus e Jean-Marie Duthilleu cuja construção foi finalizada em 2005, ocupou o lugar de uma antiga igreja com estruturas desgastadas e frágeis (BENITEZ, 2009). A Igreja de Saint François (São Francisco de Assis) situada em Paris, França, é um grande volume estrutural formados por vidros translúcidos e painéis de mármore que possibilitam a iluminação interna dos ambientes. O lado externo não possui arquitetura que indique sua função religiosa com exceção de três grandes portas. Destaca-se o grande espaço silencioso da nave e a disposição dos bancos em relação ao altar. A cruz se localiza delicadamente sobre a parede translúcida, paredes curvadas dividem o espaço, delimitam ambientes como a sacristia, berçário e uma pequena capela do Santíssimo. Além disso, a cobertura possui estruturas horizontais com formato de caixas que permitem que a luz entre e ilumine o altar de acordo com a figura 15 (BENITEZ, 2009).

FIGURA 15 – Interior da Igreja Saint François

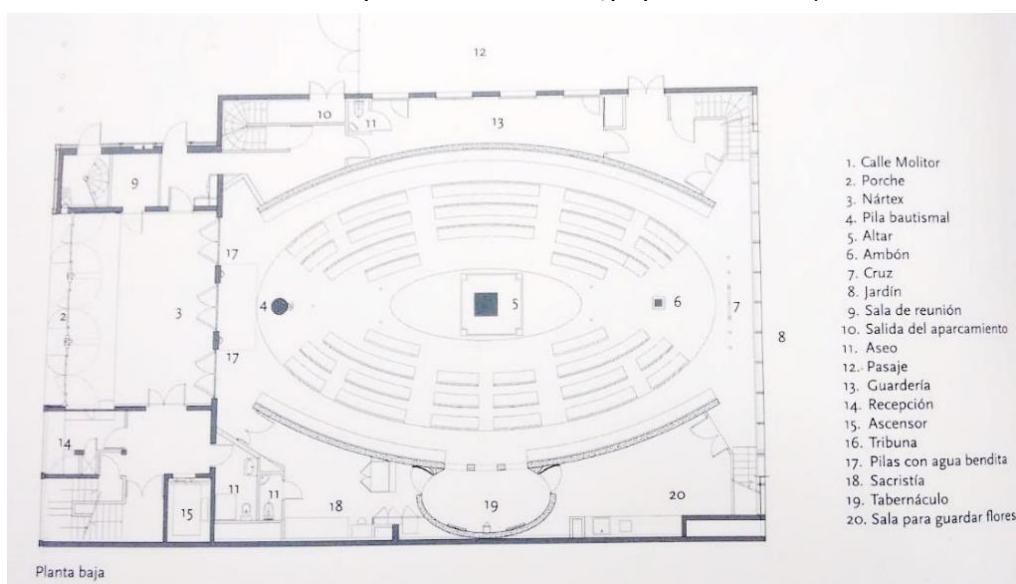


Fonte: Pinterest. 2018

A organização da assembleia deve ser concebida como um todo para o altar (MENEZES, 2006). É de importância que a disposição do espaço seja acolhedora e proporcione a visibilidade de todo o rito litúrgico, a circulação interna, acessos, bancos devem contribuir para a melhor participação ativa dos fiéis, evitando obstáculos como degraus, barreiras e colunas. Por esse motivo necessita-se adequado dimensionamento do espaço celebrativo, a igreja, enquanto edifício, deve evitar a utilização máxima dos espaços, já que a simbologia do vazio tem grande relevância para prezar outros elementos (CNBB, 2013).

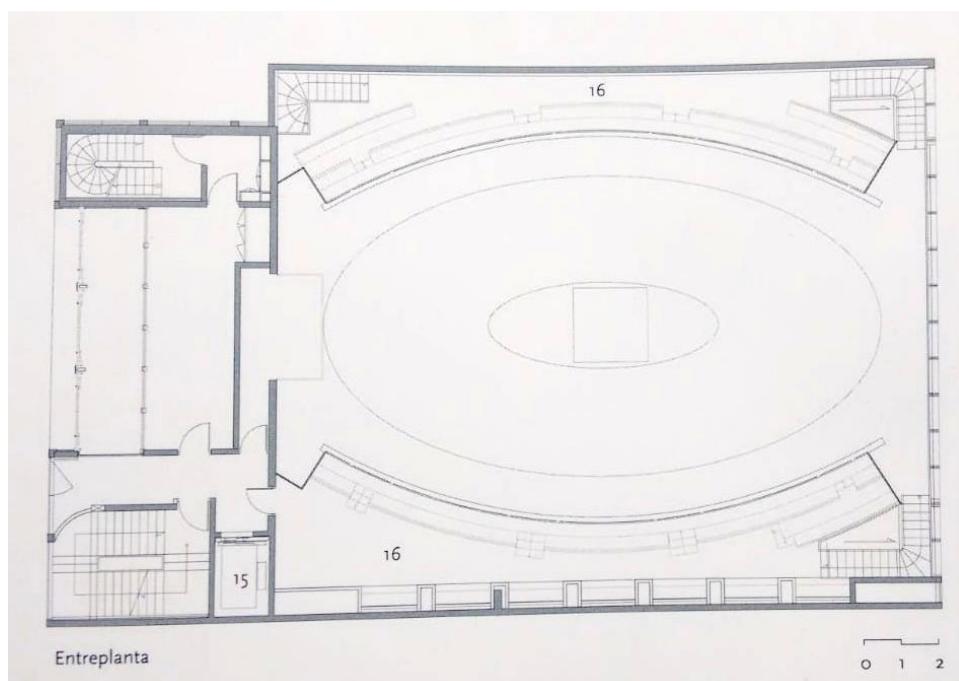
Verifica-se que a Igreja Saint François é uma edificação recente, do ano de 2005, que surgiu pós Concílio Vaticano II. É possível observar nas figuras 16 e 17 que a disposição litúrgica foi realizada em grande maioria de acordo com as novas orientações. O altar e o ambão (a mesa da palavra) ocupam posições centrais na assembleia em lados opostos, representando a versatilidade possível de layout arquitetônico em favor do cumprimento da funcionalidade do espaço litúrgico, as duas arquibancadas sustentadas pelas paredes curvas dão a sensação de envolvimento e aconchego no espaço celebrativo.

FIGURA 16 – Planta baixa pavimento térreo Igreja Saint Francois



Fonte: Benítez (2009, p.134)

FIGURA 17 – Planta baixa pavimento 2º Pavimento - Arquibancada Igreja Saint François



Fonte: Benítez (2009, p.134).

A arquitetura contemporânea no templo onde os arquitetos conseguiram criar um espaço imbuído de calma graças com a aplicação de pedra, madeira e vidro e design atemporal, além do altar afundado em relação ao solo e do resto da nave, demonstra e confirma que a Igreja Católica não possui um estilo próprio arquitetônico, mas sempre buscou remeter à arquitetura da época para que os fiéis se sintam à vontade. Nota-se que o protagonismo do altar é evidente sem nenhum obstáculo ou ornamento que impossibilite a concentração da atenção no que é mais importante: Cristo representado pelo altar. É notório o respeito aplicado referente a hierarquia das imagens sacras. O santo padroeiro e intercessor São Francisco de

Assis fica em segundo plano discretamente, respeitando a posição de autoridade maior que é Cristo e assim ocupando seu lugar de intermediador. A Cruz que é um símbolo cristão tradicional e tem sua presença no presbitério recomendada pelo Missal Romano, se localiza delicadamente aos fundos na parede translúcida, porém, sem o Cristo crucificado. Próximo à cruz se encontra um discreto arranjo de flores mostrando que a delicadeza, simplicidade e ambientes sem exageros ornamentais tornam-se, espiritualmente calmo e mais apropriado à altura da celebração da palavra de Deus com a comunhão ativa dos fiéis, que é possibilitada pela disposição dos bancos no em torno do altar, com exceção das arquibancadas. A igreja faz um bom uso do vazio, focando a atenção mais uma vez para o altar e proporcionando leveza ao ambiente.

A utilização do vazio deve favorecer a assembleia que deve representar segundo SILVA um “espaço do Cristo e que todos os fiéis possam sentir tanto pela disposição dos bancos e cadeiras, tanto pela arquitetura e pelos membros da Igreja” (SILVA, 2007, p.12). O local celebrativo deve possuir bancos ou cadeiras confortáveis e com boa visibilidade, favorecendo a comunhão de todos ali presentes. Além de espaços para circular e boa acústica, a disposição deve favorecer a aproximação entre a assembleia e os fiéis (MILANI, 2006). Toda liturgia é feita de sinais sensíveis se iniciando pelo local físico onde se celebra a liturgia, onde o próprio espaço celebrativo, através dos elementos fundamentais, devem comunicar a presença de Cristo (SILVA, 2007). O templo de Deus deve transparecer a palavra que ele anuncia, o caminho mais curto para alcançar o sublime e o belo, que é a simplicidade (MACHADO, 2008).

É possível notar que o altar é a peça principal e mais importante da Igreja, deve ocupar local central onde a atenção naturalmente se dirija a ele. O altar da igreja está devidamente centralizado onde o espaço celebrativo foi projetado para ele ser naturalmente notado, demonstrando importância e posição de destaque. “O altar é o coração da igreja, eis que porque se deve colocar todo o empenho em sua feitura, já que é o Cristo” (MENEZES, 2006, p.77), porém nota-se a falta de acessibilidade ao presbitério e nave com ausência de rampas, existe o uso de elevador somente à arquibancada. O ambão é a mesa da palavra de Deus e tem que estar posicionado de forma que os ministros possam ser vistos e ouvidos pelos fiéis (MENEZES, 2008). Para Machado (2008) a mesa da palavra por meio da sua localização no espaço de manifestar a importância e dignidade da Palavra de Deus. Observa-se claramente a representatividade e a importância da mesa da palavra em sua disposição central em frente ao altar com visibilidade possível em toda assembleia, a pia batismal se localiza na mesma disposição do ambão do outro lado da assembleia, visto que o ambiente é simétrico.

A cadeira do celebrante deve ficar bem visível aos fiéis de modo que fique claro que é o presidente da assembleia, mas se deve evitar qualquer semelhança da cadeira da presidência com um trono (MENEZES, 2006). No entanto, existe ausência de cadeiras de ministros e presidente no presbitério e assembleia, observa-se possíveis assentos nas laterais que possam ser eventualmente utilizados pelos celebrantes.

É previsto espaço para músicos e para comentador, porém não é recomendado que fiquem no presbitério e nem que se utilizem a mesa da palavra, devem ficar em espaço visível para todos os fiéis e estar nítido que fazem parte da assembleia. Nota-se ausência de espaço reservado e separado para essas finalidades conforme as orientações do Concílio Vaticano II e apesar do presbitério ficar centralizado na assembleia, houve segmentação e separação parcial dos fiéis

pela arquibancada, o que não é recomendado pelas novas orientações litúrgicas, pois se dá o acesso à locais distintos impossibilitando integração e participação entre todos os fiéis diretamente.

2.3.2.1. Capela do Santíssimo

Para que Cristo Sacramentado na Eucaristia seja adequadamente referenciado se sente cada vez mais a carência de ter o sacrário fora do presbitério em local devidamente ornamentado e acessível. (MENEZES, 2006). Orienta-se que o sacrário seja feito de material sólido, fixo, não transparente para não profanação e com estética imponente. É recomendado quando possível criar capela separada para proporcionar espaço de recolhimento e silêncio (MACHADO, 2008).

A igreja de *Saint Fraçois* possui Capela do Santíssimo ou tabernáculo em sua lateral seguindo o Código de Direito Canônico n. 938 da Igreja Católica Apostólica Romana, o qual o templo religioso faz parte e enfatiza a importância da criação de um tabernáculo separado em alguma parte da igreja devidamente ornamentada à altura de abrigar a Eucaristia. A orientação litúrgica do Concílio Vaticano II, através do *Sacrosanctum Concilium* instrui criar Capela do Santíssimo quando possível para proporcionar experiência de oração individual com o Senhor Sacramentado para que ele seja devidamente referenciado, visto que unido ao presbitério os fiéis se esquecem da presença do Senhor no sacrário sem ao menos reverenciá-lo (MENEZES, 2006).

2.3.4. Evolução do espaço litúrgico

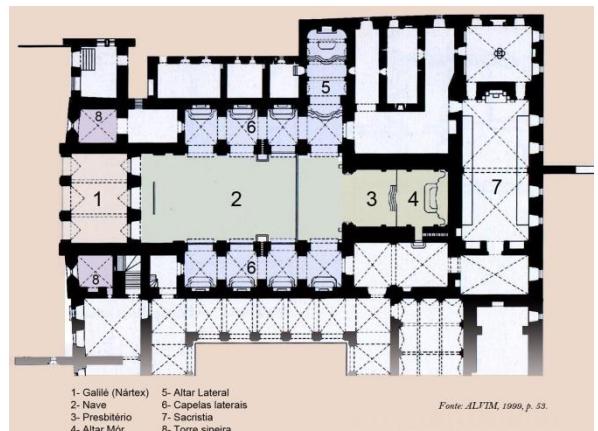
O espaço litúrgico da igreja católica sofreu várias modificações ao longo da história até o Concílio Vaticano II, através das imagens abaixo percebe-se a evolução da disposição espacial e funcional. Na figura 18 demonstra-se como eram realizadas as reuniões cristãs nos tempos primórdios, o local escolhido eram as salas que antecedem o telhado, considerado o um local mais calmo na época ou em locais hoje considerados “sala de jantar”, da mesma forma que foi realizada a última ceia com Jesus Cristo. Na figura 19 representa o modelo de presbitério e assembleia distantes um do outro. O altar ficava extremamente distante dos fiéis ao fundo da abside que era um segundo presbitério ao fundo onde o padre celebrava a missa de costas para os fiéis que não tinham acesso ao presbitério e o transepto possuía vários altares, além da nave ser comprida e com vários pilares, o que reforça ainda mais a ideia de descentralidade, distanciamento e obstáculos físicos perante aos fiéis durante a missa, até mesmo uma mureta. O primeiro resultado pós – Concílio Vaticano II é representado pela figura 20 que é a adaptação de um modelo antigo de igreja com o espaço litúrgico adaptado, o altar é retirado dos fundos da abside e centralizado no presbitério e mais perto dos fiéis, o padre volta a celebrar missa de frente a assembleia e o espaço celebrativo não é mais restrito por balaustradas. Ocorrência de dois altares com a permanência do altar-mor. Na figura 21 abaixo mostra o novo modelo de dimensionamento e funcionalidade do espaço litúrgico seguindo as orientações do Concílio Vaticano II, o presbitério não se remete mais a um palco distante dos fiéis com uma imensa e comprida nave, agora a assembleia é dimensionada no torno do presbitério que fica centralizado na igreja, criando uma proximidade clara e nítida entre celebrante e fiéis, proporcionando a participação ativa entre todos, sem nenhum obstáculo e impedimento físico e litúrgico, tornado todos, um só em Cristo.

FIGURA 18 – Espaço celebrativo em residência



Fonte: Jesus Cristo em Nós. 2013

FIGURA 19 – Espaço celebrativo barroco anterior ao CV II



Fonte: ALVIM, 1999, p. 53.

Igreja de N. S de Monserrate (Mosteiro de São Bento)
Rio de Janeiro. 1617-90

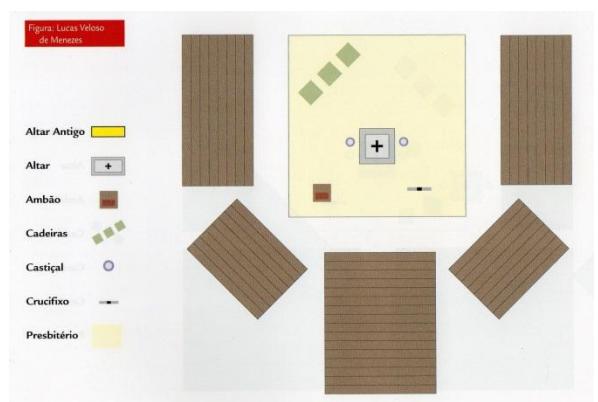
Fonte: Coisas da Arquitetura. 2011

FIGURA 20 – Espaço celebrativo adaptado pós – CV II na catedral de Juiz de Fora-MG.
Altar adaptado em frente ao altar-mor.



Fonte: Acessa. 2015

FIGURA 21 – Esquema do espaço celebrativo construído pós - CV II



Fonte: Menezes (2006, p. 154).

3. CONCLUSÃO

Observou-se que o Concílio Vaticano II veio orientar e motivar a reforma litúrgica através da aproximação da assembleia ao presbitério, simplificar o contato dos fiéis com os celebrantes presidentes, sendo necessária a mudança de comportamento sobre como direcionar a liturgia aos fiéis dos templos católicos se refletir na disposição do espaço litúrgico que passou a ser segundo as novas orientações da Igreja.

Ao decorrer do estudo identificamos que a orientação do Concílio Vaticano II juntamente com uma arquitetura propícia resultou em um espaço litúrgico que postula por uma participação ativa dos fiéis nas celebrações. A disposição dos mobiliários e ambientes anexos se transformaram e reposicionaram em favor da comunhão e participação conjunta dos fiéis. No estudo de caso da Basílica de Aparecida a adaptação realizada de acordo com as normativas litúrgicas transformando 9 presbitérios em um único somente produziu resultados benéficos em favor da celebração, da aproximação dos fiéis, onde de qualquer ponto da basílica é possível acompanhar a mesma celebração litúrgica, ver e participar com os fiéis e celebrantes em uma única vibração de fé.

Na igreja Saint François que foi construída pós-Concílio observou-se que seguindo as orientações litúrgicas chega-se a um elevado sentido cristão de fé representada pela integração, disposição do espaço litúrgico juntamente com sua funcionalidade e, que o simples, com foco em Cristo, o essencial, se torna sublime.

Percebeu--se que as diretrizes pós Concílio Vaticano II contribuíram favoravelmente para a ação da liturgia principalmente originando um espaço arquitetônico mais adequado à prática espiritual dos fiéis cristãos em consonância com os elementos mais essenciais da sua fé.

4. REFERÊNCIAS

- AQUINO, F. Reforma Litúrgica depois do Concílio Vaticano. **Site**. 2014. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/a-reforma-liturgica-depois-do-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em 09 de março de 2018.
- BENÍTEZ, C. P. **Arquitectura de Templos Sagrados**. Barcelona: Egedsa, 2009.
- Bíblia Sagrada**. Trad. Pe. Matos Soares. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1951.
- CAPTIVO, M. T. M. **Arquitetura dos Espaços Religiosos**. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Orientações para projeto e Construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo**. Brasília, 2013. 162 p. (Coleção Estudos CNBB nº. 106).
- Decreto *Christus Dominus*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.
- FRADE, G. **Arquitetura Sagrada no Brasil**: sua evolução até as vésperas do Concilio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2007.
- LUTZ, G. **História geral da liturgia das origens até o Concílio Vaticano II**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIMA, M,A,M. **O espaço celebrativo segundo a imagem da Igreja**.



MACHADO, R.C.D.A. **O espaço da celebração: mesa, ambão e outras peças.** 5^a Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

MACHADO, R.C.D.A. **O local de celebração arquitetura e liturgia.** 2^a Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MENEZES, I. P. **Arquitetura sagrada.** São Paulo: Loyola, 2006.

MILANI, E. M. **Arquitetura, luz e liturgia:** um estudo da iluminação das Igrejas Católicas. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Sacramento. O Lugar de Reunião dos Primeiros Cristãos. **Site.** 2007. Disponível em: <<https://ssacramento.blogs.sapo.pt/67126.html>>. Acesso em 16 de junho de 2018.

SACROSANCTUM CONCILIUM. **Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II.** Site. Vaticano, 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acessado em 19 de junho de 2018.

SILVA, J. A. D. **Os elementos fundamentais do espaço litúrgico para a celebração da missa.** 2^a Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

TODA, E.S. **A Arte Sacra de Cláudio Pastro na Basílica de Aparecida e sua Contemporaneidade:** História, Cultura e Leitura de suas Obras. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.